

Museu do surf de Cabo Frio – ensinando, aprendendo e disseminando a inclusão através da cultura e do esporte

Cabo Frio surf museum - teaching, learning and
Disseminating inclusion through culture and sport

Museo Cabo Frio surf: inclusión difusiva a través de la cultura el
deporte

Maria Cristina Barbosa Mendes¹

Ruth Maria Mariani Braz²

Sérgio Coelho Crespo da Silva Pinto³

Resumo

O museu do surf da cidade de Cabo Frio é espaço de aprendizagem não formal, proporciona visitas abertas ao público, tem um papel social, educativo e de disseminação cultural na vida das crianças e jovens que por lá passam. Este artigo faz parte do estudo de campo que visa divulgar a acessibilidade para as pessoas com deficiência nos museus. Quanto ao procedimento, trata-se de uma pesquisa qualitativa, com uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo. Para a pesquisa bibliográfica, pesquisamos os artigos mais recentes, que estavam nas bases de dados científicas. Para a pesquisa de campo visitamos o Museu do Surf de Cabo Frio. Acrescenta-se que este artigo aponta para um diálogo entre a importância do museu, no contexto turístico da cidade, com a representatividade da cultura local, em uma proposta que reflita cenários de inclusão real. Como resultado, concluiu-se pela possibilidade de harmonização do esporte e da cultura, como

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão CMPDI/UFF. Possui pós graduação em Direito e Processo do Trabalho pela Universidade Anhanguera - Uniderp (2010) e graduação em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2007). Atualmente é analista judiciário - executante de mandados - Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito do Trabalho. E-mail: mariacristinabarbosamendes@gmail.com.

² Doutora em Ciências e Biotecnologia, do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense. Especialista Lato Sensu em Educação Física Especial (Universidade Castelo Branco). Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora docente I - Secretária de Educação do Estado do Rio de Janeiro e professora colaborador do Curso de mestrado profissional em Diversidade e Inclusão da UFF. E-mail: ruthmariani@yahoo.com.br.

³ Professor Adjunto na Universidade Federal Fluminense UFF. Vice Coordenador do Programa de Doutorado em Ciência, Tecnologia e Inclusão da UFF. Possui graduação em Tecnólogo Em Processamento de Dados pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1987), Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - COPPE-Sistemas (1995) e Doutorado em Informática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000). E-mail: crespsergio@gmail.com.

instrumentos de difusão de informações relevantes sobre a temática da inclusão.

Palavras-chave: Museu do Surf. Cabo Frio. Acessibilidade. Inclusão.

Abstract

The surf museum in the city of Cabo Frio is a non-formal learning space that offers open visits to the public, has a social, educational and cultural dissemination role in the lives of children and young people who pass through there. This article is part of the field study that aims to promote accessibility for people with disabilities in museums. As for the procedure, it is a qualitative research, with a bibliographic research and a field research. For a bibliographic search, searches for more recent articles that were in the scientific database, for field research visited at the Surf Museum of Cabo Frio. Add this article to a dialogue between the importance of the museum, the tourist context of the city and the representativeness of the local culture, in a proposal that reflects the configurations of real inclusion. As a result, it was concluded that there is a possibility of harmonizing sport and culture, as instruments for the dissemination of relevant information on the theme of inclusion.

Keywords: Surf Museum. Cabo Frio. Accessibility. Inclusion.

Resumen

El museo del surf en la ciudad de Cabo Frio es un espacio de aprendizaje no formal que ofrece visitas abiertas al público, tiene un papel social, educativo y de difusión cultural en la vida de los niños y jóvenes que pasan por allí. Este artículo es parte del estudio de campo que tiene como objetivo promover la accesibilidad para las personas con discapacidad en los museos. En cuanto al procedimiento, es una investigación cualitativa, con una investigación bibliográfica y una investigación de campo. Para una búsqueda bibliográfica, busca artículos más recientes que estaban en la base de datos científica, para investigación de campo visitada en el Museo de Surf de Cabo Frio. Agregue este artículo a un diálogo entre la importancia del museo, el contexto turístico de la ciudad y la representatividad de la cultura local, en una propuesta que refleje las configuraciones de inclusión real. Como resultado, se concluyó que existe la posibilidad de armonizar el deporte y la cultura, como instrumentos para la difusión de información relevante sobre el tema de la inclusión.

Palabras clave: Museo del Surf. Cabo Frio. Accesibilidad. Inclusión.

Introdução

A origem da palavra museu vem do grego *mouseion*. Desde o homem primitivo, ele reunia vários tipos de objetos, a fim de preservá-los, com finalidade cultural e expondo para futuras gerações. A proposta de Museu

como conhecemos hoje foi desenvolvida no segundo milênio A.C. na Mesopotâmia.

No Brasil, em 1816, foi criada a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, que seria o nosso primeiro Museu e atualmente, é o Museu Nacional de Belas-Artes, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Hoje, no país, temos 3.025 instituições museológicas registradas na base de dados do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), todos presenciais e a maioria deles localizados na região sul e sudeste (IBRAM, 2011).

Assim neste artigo vamos trabalhar o conceito de Museu determinado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2011, p.1)

O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha.

De acordo com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009, s/p).

Vale lembrar, ainda, as diretrizes traçadas pelo Internacional Council Museums (ICOM), 2007, que define um museu como:

(...) uma instituição permanente e sem fins lucrativos, aberta ao público a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, em que são adquiridas, conservadas, pesquisadas, comunicadas e exibidas as heranças tangíveis e intangíveis da humanidade e seu ambiente, com propósitos educativos, acadêmicos e de entretenimento (...) (ICOM; 2007, p.1).

Com esse olhar, visitamos o Museu do Surf. Criado a partir da iniciativa, principalmente, de Telmo Moraes Teixeira Filho. De acordo com a biografia

peçoal, exposta no local de exibição, ele nasceu em 18 de agosto de 1952, no Rio de Janeiro e, no ano de 1978, fixou residência em Cabo Frio. Ficou conhecido por garimpar pranchas raras e objetos relacionados ao surf e por promover a prática do esporte.

A ideia de Telmo era uma coleção caseira, de pranchas de surf que, futuramente, se estendeu para o museu. Com o crescimento da coleção necessitou que ocorresse a mudança de endereço, uma vez que, inicialmente, os objetos ficavam apenas na casa de Telmo, no bairro Però, em Cabo Frio.

O material, reunido no início dos anos setenta, chegou a ser exposto em outros municípios, fez parte de uma apresentação em Portugal, acompanhou os diversos momentos dos campeonatos de surf pelo mundo, foi alocado em espaços diversos e chegou a ser exposto à visitação, em um imóvel na Rua Jorge Lóssio.

Posteriormente, no ano de 2017, após idas e vindas, foi, definitivamente, transferido para a Praça da Cidadania, próximo à Praia do Forte, onde atualmente se encontra em funcionamento, com exposição permanente. O museu funciona todos os dias, de 16 às 20h, em imóvel da Prefeitura, administrado pela Secretaria de Turismo e já recebeu mais de duzentos mil visitantes.

Telmo, que faleceu em 19 de agosto de 2018, ficou conhecido em Cabo Frio por registrar a história por trás de cada peça de sua coleção, por ter um imenso prazer de contar cada aventura vivida em busca de novos materiais e por catalogar os itens com sua escrita, em fichas de papel, meticulosamente elaboradas de próprio punho.

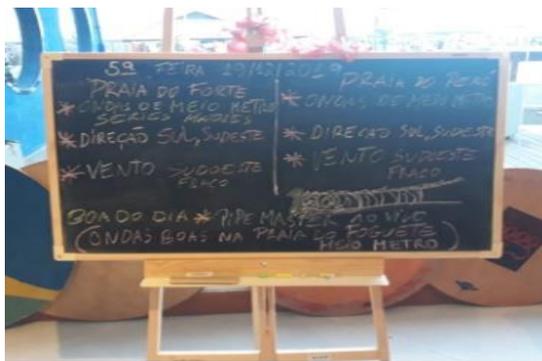
O museu do surf é reconhecido como o maior do gênero na América Latina e o terceiro maior do mundo, sendo composto por peças raras, que abrangem pranchas, veículos, livros, fotografias, autógrafos, camisas, chinelos, carros antigos, brinquedos e outros itens peculiares, todos relacionados ao universo do surf.

O Museu do Surf vem ganhando importância, também, como um ponto de encontro dos admiradores da modalidade esportiva. Na entrada principal de acesso, próximo ao livro de registro de visitas, foi colocado um quadro-negro, conforme a figura 1; onde são anotadas as dicas, diárias, sobre as

melhores praias para o surf e a previsão de ondas e de ventos – o que também colabora para a fidelização dos amantes do esporte ao local.

Na Figura 1: Quadro-negro da entrada principal com indicação das ondas e ventos do dia, no caso, 19 de dezembro de 2019, apoiado em um cavalete de madeira, com suporte para giz e apagador. Escrito em giz colorido. Praia do Forte: Ondas de meio metro. Direção sul, sudeste. Vento sudoeste fraco. Praia do Perú: Ondas de meio metro. Direção sul, sudeste. Vento sudoeste fraco. Boa do dia: Pipe Master ao vivo. Ondas boas na Praia do Foguete. Meio Metro

Figura 1: Quadro- Negro exposto da entrada principal com as informações sobre ondas e ventos.



Fonte: Fotografia de Maria Cristina Barbosa Mendes.

O acervo vem sendo catalogado, pelos familiares de Telmo e, também, através do projeto de história da Universidade Estácio de Sá em parceria com a Associação Nacional de História. São milhares de itens, alguns ainda não expostos, que compreendem objetos reconhecidamente raros e outros de valor simbólico inestimável.

Nos destaques do acervo, por exemplo, consta a prancha utilizada por Gabriel Medina em seu primeiro título mundial, em 2014, quando entrou para a história do esporte, ao conquistar o primeiro título mundial de surf profissional para o Brasil. Além disso, há uma prancha célebre, conhecida como “Half Moon Ray”, criada e utilizada pelo surfista californiano Jeff Clark, nos anos 70. A lenda dizia que aqueles que se aventuravam nas ondas

gigantes de Mavericks não voltavam e Jeff fez história surfando nestas ondas e retornando são e salvo, justamente com a prancha exposta no museu.

O museu conta, ainda, com uma “área nobre”, conhecida como “Espaço Lendas do Surf”, que registra passagens de atletas que se destacaram no mundo do surf – principalmente aqueles com um vínculo com Cabo Frio, como é o caso de Victor Ribas, que ganhou reconhecimento como melhor brasileiro da elite do surf mundial.

É nesse cenário que pretendemos, neste artigo, relatar a experiência exitosa de visitar o Museu do Surf na cidade de Cabo Frio e como objetivo principal identificamos itens do museu que dialogam com o tema da acessibilidade. Para isso, verificamos e analisamos o destaque dado a acessibilidade do espaço físico, os relatos sobre atletas com deficiência, a facilidade de encontrar informações sobre o atendimento e a possibilidade de ampliar a proposta de inclusão das pessoas neste espaço de cultura e lazer.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo é um relato da experiência sobre a visita ao Museu de Cabo Frio, tem como metodologia qualitativa exploratória e teve início com uma revisão bibliográfica narrativa da literatura relacionada ao tema, nas plataformas Google Acadêmico; Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), nos últimos 15 anos; relacionadas especificamente ao Museu do Surf; Museu do Surf de Cabo Frio e acessibilidade, na data de 05/12/2019.

A pesquisa teve um segundo momento de coleta de informações, no dia 09 de janeiro de 2020, às 16h, com o fim de apurar os primeiros dados coletados sobre os atletas com deficiência. Isso porque, após o acesso ao espaço, buscamos novas informações sobre dúvidas que permaneceram em aberto, principalmente quanto à gestão atual do museu. Neste dia, foi possível conversar, informalmente, com Alessandra Teixeira, viúva de Telmo, que, junto com a família, zela pelo espaço e pelas peças da exposição. As

informações prestadas pela equipe de atendimento no museu não foram consideradas entrevistas.

Foram retiradas fotografias e coletados dados da documentação que compõe o acervo. Como a visita ocorreu em período já de alta temporada no município foram considerados comportamentos e comentários dos visitantes, principalmente turistas, percebidos ao longo da visita. Foi realizada, complementarmente, uma pesquisa sobre artigos semelhantes, com a mesma proposta temática, de discussão de acessibilidade, em outros museus do Brasil, na data de 03/01/2020.

Entre estes dois períodos, foi realizada uma pesquisa de campo, a partir da visita preliminar ao museu. Na primeira visita, na data de 19 de dezembro de 2019, às 18h, foram coletadas fotografias e informações do local, com destaque para os dados relacionados a Gabriel Paiva (campeão de surf adaptado, de 2019, com Síndrome de Downs) e Carlos L' Astorina (uma das lendas vivas do surf brasileiro, surdo e shaper).

Resultados e discussão

No levantamento bibliográfico encontramos 104 artigos nos periódicos da CAPES; que mencionam sobre museu do surf. No Google acadêmico encontramos 4990 artigos que tratam sobre o museu do surf e na base Scielo não encontramos nenhum artigo com a mesma palavra.

Com a palavra acessibilidade nos periódicos da Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal do nível superior (CAPES) encontramos 2 artigos, que descartamos, pois tratam de acessibilidade na saúde e em hospitais públicos. Nas bases do Scielo encontramos 524 artigos que tem a palavra acessibilidade e no Google acadêmico 896 artigos.

Quando utilizamos o primeiro critério de exclusão - que foi a adição das palavras-chaves “acessibilidade” em conjunto com o “Museu do Surf”, formando as *strings* de busca - nos periódicos da CAPES não encontramos artigos que tratem do assunto; nas bases do *Scielo* também não; mas no Google acadêmico encontramos 894 artigos.

Após a soma das *strings*, desenvolvemos o segundo critério de exclusão que foi a leitura e análise do título em cada um dos 894 artigos e excluimos os artigos cujo título não fazia referência com o tema buscado na pesquisa.

Como o número de artigos encontrados ainda era grande, partimos para o terceiro critério de exclusão que foi acrescentar a palavra Museu do Surf de Cabo Frio e acessibilidade. O resultado foram 100 artigos no Google acadêmico e nenhum no *Scielo* e nos periódicos da CAPES.

Finalmente, aplicamos o último critério de exclusão que foi o de ler e analisar todo os títulos e os resumos dos artigos e obtivemos como resultado total de 25 artigos. Diante da posse desses 25 artigos, leitura e análise de cada um deles, respondemos todas as questões relacionadas ao nosso primeiro objetivo dessa pesquisa.

Extraímos de cada artigo o conteúdo que viesse a nos orientar sobre a acessibilidade no Museu do Surf de Cabo Frio. Tomamos como base as experiências de cada autor e nas suas pesquisas, relatadas, que obtiveram êxito em incluir as pessoas com deficiência.

Não eliminamos as obras primárias como de Bondiá (2002) e Winnick (2004). Apesar de estar fora da data de busca, Winnick (2004) trata do esporte adaptado e entendemos que é um autor de grande relevância para a nossa pesquisa – razão pela qual fomos buscar o seu livro para fundamentarmos e ampliarmos o debate.

Siqueira, Peres e Bosquetti (2019), relataram em seu artigo que o acesso às praias ainda é um grande desafio para as pessoas com mobilidade reduzida, mas que surgem no Brasil casos de inovação social, que consideram os princípios do desenho universal para a concepção ou adaptação de espaços, objetos e produtos que possam ser utilizados por usuários com capacidades diferentes.

Nesse contexto, os autores mencionam dados importantes, segundo os quais o Brasil ocupa a terceira posição em número de surfistas (depois dos Estados Unidos e da Austrália) e que, no lançamento do Campeonato Mundial de Surf Adaptado e em estilo paraolímpico, no ano de 2015, a equipe brasileira conquistou a de medalha de ouro – feito que se repetiu em 2017, com a primeira colocação.

O reconhecimento do surf como esporte olímpico, no ano de 2016 e a estreia, nas Olimpíadas de Tóquio, no ano de 2021, inclusive, apontam para a evolução e reconhecimento do esporte, em nível mundial.

Mais recentemente, a notícia da primeira escola pública de surf adaptado do mundo, em Santos/SP, turbinou, ainda mais, a onda da inclusão pelo esporte⁴.

Fato é que o esporte - além de trazer evidentes benefícios à saúde - é considerado uma poderosa ferramenta de inclusão social. Nesse cenário proliferam relatos de projetos no Brasil e no exterior, que buscam fomentar a igualdade de acesso ao esporte, para as pessoas com deficiência.

De Souza & Mariani (2016, p. 67) definiram que o desporto adaptado seriam aquelas “experiências modificadas e designadas especificamente as pessoas com deficiências”. Temos registros históricos que, no século XIX, em 1871, na Shool of Deaf de Ohio, nos Estados Unidos já se praticava o desporto adaptado para surdos.

Ainda encontramos registros que, em 1924, em Paris, foram realizados os Jogos Silenciosos entre nove países (Winnick, 2004). Estes jogos ajudaram a difundir e deliberar ações para diferentes áreas de conhecimento da sociedade, a fim de diminuir os preconceitos para com os surdos.

De acordo com Veríssimo (2005), que, inclusive, é o atual superintendente de políticas públicas para pessoas com deficiência de Cabo Frio e professor de Educação Física, por formação, que foi diretor técnico do Comitê Paraolímpico Brasileiro, o desporto praticado pelas pessoas com deficiência é hoje uma realidade mundial. No Brasil, este reconhecimento pela sociedade de uma forma geral, tem aumentado significativamente, principalmente, após os excelentes resultados alcançados pela participação nas últimas edições Jogos Paraolímpicos. *“Com certeza estes fatos contribuíram de forma significativa em uma nova e adequada visão social quanto à questão da deficiência, sendo potencialmente um veículo de quebra de*

⁴ A reportagem pode ser conferida, na íntegra, em <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/primeira-escola-publica-de-surfe-adaptado-do-mundo-ja-funciona-em-santos>.

estigmas e preconceitos, beneficiando milhares de brasileiros com deficiência” (VERÍSSIMO, 2005, p.105).

A pesquisa realizada por Santos (2018), onde menciona o Museu de Ubatuba, cidade do litoral norte de São Paulo, considerada a capital do surf, questiona o papel do Museu Histórico da cidade como espaço de encontro, proximidade e hospitalidade. De acordo com a autora, o referido museu não possui acessibilidade e as peças que lembram Ubatuba como a capital do surf se restringem a um pequeno acervo de fotos do primeiro festival de Surf Brasileiro, que aconteceu naquela cidade. Conclui a pesquisadora que “qualificar museus para que sejam lugares de hospitalidade é tarefa ainda em formação”.

Os artigos estudados não abordam especificamente o caso de Cabo Frio e apontam, em linhas gerais, para a possibilidade de unir e ressignificar o papel tanto do esporte, quanto da cultura, sobretudo na função dos museus que, em tese, precisam ser espaços de acesso coletivo e universal.

Assim, é preciso considerar a relação de Cabo Frio com o mar: histórica, tendo a cidade se desenvolvido a partir do sal e da pesca. De acordo com Ramão (2018):

Cabo Frio é uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, historicamente ligada com a atividade pesqueira, e, a partir do século XIX, também com a atividade salineira, que tem fases de crescimento e crise no município, assim como em toda região. A economia da pesca e do sal refletia diretamente no espaço, com bairros de pescadores, barcos e a cultura da pesca artesanal presente em vários pontos das cidades, o uso da laguna de Araruama (que atravessa os municípios da região) enquanto um espaço vital para o crescimento econômico e para a subsistência; e em relação à indústria salineira, com as grandes salinas, a ligação também com a laguna de Araruama de onde se extraía o sal, e, com fábricas para a industrialização do sal (ROMÃO, 2018.p. 4).

Posteriormente, na segunda metade do século XX, Cabo Frio desenvolve-se como cidade turística e a relação com o mar mantém-se viva por tudo aquilo que ele representa, sobretudo, sobrevivência, vida e esperança. Os museus da cidade refletem esse caminhar pela história e não poderia ser diferente com o Museu do Surf.

Cumprir notar que o museu mantém a renovação do acervo, com inclusão de novos itens, acompanhando a dinâmica do surf, em âmbito nacional e internacional. Novos destaques de atletas e novos materiais que, até então, a família de Telmo mantinha em depósito, passam a ser catalogados e expostos ao público, de modo gradativo. Com isso, cada visita ao museu é única: tanto pela experiência pessoal do visitante, quanto pelos itens à mostra em exposição.

Acrescenta-se o fato de que, geograficamente, o museu representa um ponto de visitação crucial no município: próximo à Praia do Forte, ao Teatro Municipal e ao comércio artesanal local, em área de maior urbanização e concentração turística,

Em acréscimo, importa notar a norma brasileira (NBR) 9050/2004 a qual consiste em uma norma técnica, que estabelece critérios e parâmetros a serem observados para projeto, construção, instalação e adaptação de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos às condições de acessibilidade (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2015).

De acordo com a NBR 9050/2004, a acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos, ou seja, pressupõe que o espaço possa ser, em sua totalidade, alcançado, acionado, utilizado e vivenciado por qualquer pessoa. Assim, parâmetros de medições e avaliações técnicas já são previamente previstos, com o fim de possibilitar o alcance das mãos dos visitantes aos objetos expostos, a altura adequada dos elementos, os ângulos de visão, o acesso às informações escritas e faladas (JUNIOR et al, 2019).

As normas técnicas incluem, ainda, dados importantes sobre rotas de fuga e trâmites para emergências, que abrangem a segurança de todos os visitantes, com ou sem deficiência, em situações que, apesar de serem de risco, estão embutidas na própria rotina dos espaços físicos.

Em sendo assim, o que este artigo propõe não é uma verificação técnica do cumprimento das normas pelo museu. Isso seria, em primeiro lugar, um requisito elementar da construção, em segundo lugar, um critério de análise

técnica, a exigir conhecimento pericial. O que trazemos, portanto, é um relato de experiência e fazendo remissão às lições de BONDÍA, 2002, p. 24:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p.24).

Esse é o convite que o museu propriamente faz quando se desperta para a experiência: a possibilidade de um novo olhar. No caso da acessibilidade, esse olhar é sobre a alteridade: como podemos olhar com os olhos do outro, da pessoa que precisa de um recurso de acessibilidade para que a experiência no museu seja tão completa quanto a de uma pessoa sem deficiência?

Para tanto, consideramos que a experiência deveria ser o mais completa possível, exigindo uma análise cuidadosa das impressões sobre acessibilidade real de um espaço, que será utilizado tanto por cadeirantes e cegos, cujos recursos de acessibilidade vêm sendo mais popularmente disseminados, como também por autistas, pessoas com síndrome de Down e pessoas com impedimentos auditivos, por exemplo, sendo certo que todos se emocionam com o museu, cada um à sua maneira.

Por esta razão, importante acrescentar que, de acordo com Sasaki (2002), pensar a acessibilidade implica em considerar, não apenas a acessibilidade arquitetônica (supressão dos impedimentos físicos que dificultam o acesso aos ambientais), mas também as noções de: acessibilidade comunicacional, enquanto supressão dos impedimentos de comunicação interpessoal e escrita; acessibilidade metodológica, como supressão dos impedimentos nos métodos pedagógicos e técnicas de estudos; acessibilidade instrumental, no que se refere à supressão dos impedimentos nos instrumentos, utensílios e ferramentas pedagógicas, acessibilidade programática, no sentido de supressão dos impedimentos ocultos em políticas

públicas e, ainda, acessibilidade atitudinal, que é a supressão de atitudes preconceituosas, estigmatizantes, estereotipadas e discriminatórias.

De acordo com os dados oficiais, o imóvel onde está instalado o Museu do Surf de Cabo Frio é acessível e o fomento ao museu consta da Lei Municipal no 2.982/2018, que aprova o Plano de Cultura do Município para o período de 2018 a 2027, com o fim de orientar a implantação das políticas culturais, inclusive no que diz respeito à acessibilidade, para o próximo decênio.

Durante a visita, como pontos positivos, destacam-se vagas especiais na área de estacionamento próximo ao museu, as rampas de acesso ao espaço, que primam por uma única entrada acessível pela porta principal (evitando o constrangimento de existir um segundo tipo de entrada, diferenciada, para pessoas com deficiência que tenham mobilidade reduzida), conforme a figura 2; o elevador para cadeirantes (que permite acesso ao segundo piso do imóvel), conforme a figura 3; os banheiros acessíveis (com portas largas, barras e assento adaptado); a possibilidade de contato tátil com as peças expostas (que amplia a análise sensorial do acervo); a altura da mesa de estudos do segundo andar (que admite acesso ao material impresso, tanto para pessoas de baixa estatura, quanto para cadeirantes); o espaço de mostra audiovisual (que admite uma possível ampliação da experiência sensorial no museu) e a cordialidade na recepção dos visitantes.

Na entrada do museu observa-se uma construção em “L”, com telhas de cerâmica em tom marrom e paredes nas cores amarelo e azul. Parte da fachada é de vidro. Existe uma pequena varanda no segundo piso. No térreo, há uma rampa de acesso, larga e arredondada nas laterais, que leva o pedestre da praça à entrada principal do museu. O museu fica um nível acima do piso principal da praça, de modo que se vê duas áreas abertas, sob a rampa, na cor cinza. Nas laterais da rampa, há um corrimão de madeira. Aparecem na foto vasos de plantas e um visitante (não identificado), perto de um desses vasos. Existem, ainda, duas lixeiras, do lado esquerdo da rampa, feitas com pneus reutilizados, pintadas em cores variadas.

Figura 2: A entrada principal do museu.



Fonte: Fotografia de Maria Cristina Barbosa Mendes

Figura 3: Elevador para acesso ao segundo piso, de metal, com janela de vidro. Na parte inferior, direita, na área da superfície de vidro, há um adesivo, quadrado, com fundo azul, com a imagem icônica de um cadeirante, na cor branca – símbolo internacional de acesso.



Fonte: Fotografia de Maria Cristina Barbosa Mendes

Na área interna, um dos pontos altos desta visita foi deparar com os materiais que retratam as premiações dos surfistas com deficiência, moradores de Cabo Frio, que ganharam espaço na área conhecida como “Lendas do Surf”. Exposto esta a foto do atleta Jonas Letieri., na figura 4, um homem, branco, jovem, cabelos curtos e claros. Usa uma viseira, na cor preta. Veste uma camiseta amarela, sobre uma camisa de manga curta, preta. Veste uma bermuda, nas cores azul e preto. Aparece em posição de remada, com o corpo ligeiramente inclinado, em cima de uma prancha, olhando para baixo, na direção da água. Ao lado de sua foto (tirada por Margarete Oti) consta os dizeres: Jonas Letieri, “cabofrisente” de coração, é um exemplo de superação.

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 512-531, 2021

Após um acidente e amputação dos dois antebraços, decidiu se tornar atleta de Stand Up Paddle, ganhando reconhecimento nacional e internacional.

Figura 4: Exemplo de registro em destaque de atleta com deficiência, no museu.

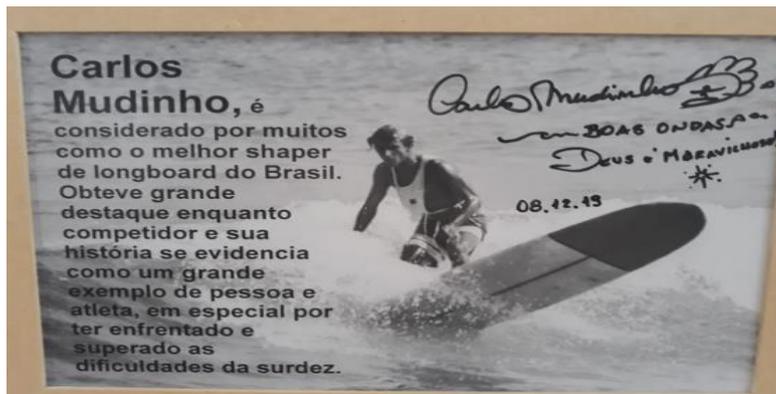


Fonte: Fotografia de Maria Cristina Barbosa Mendes.

O veterano do acervo, reconhecido como a primeira pessoa com deficiência a surfar no Brasil, Carlos Roberto L'Astorina de Andrade, popularmente conhecido como "Carlos Mudinho", além de ser um dos maiores precursores do surf brasileiro, é conhecido como shaper (pessoa que faz as pranchas de surf).

Surdo congênito, começou a surfar aos nove anos, superando as dificuldades físicas, as de sua época e o preconceito. Nascido no Rio de Janeiro, em 1949, atualmente trabalha na confecção das pranchas em Cabo Frio e é reconhecido por suas criações, elogiadas pela beleza e leveza. Carlos (Mudinho) é um dos fundadores e já foi presidente da Associação dos Surdos da Região dos Lagos. Na figura 5 consta Carlos, um jovem, em cima de uma prancha, no mar, vestindo camiseta regata e bermuda e seu autógrafo, seguido dos dizeres: Boas Ondas. Deus é maravilhoso. 08.12.19.

Figura 5: Registro de Carlos Roberto, "Mudinho", no Museu do Surf.



Fonte: Fotografia de Maria Cristina Barbosa Mendes.

No texto, na lateral esquerda na imagem de Carlos, é possível ler: Carlos Mudinho é considerado por muitos como o melhor shaper de longboard do Brasil. Obteve grande destaque enquanto competidor e sua história se evidencia como um grande exemplo de pessoa e atleta, em especial por ter enfrentado e superado as dificuldades da surdez.

Consagrou-se como referência da maturidade no esporte e ainda reside em Cabo Frio. Interessante notar que, durante a visita ao museu, foi possível observar pessoas mencionando, inclusive, que Carlos foi um grande amigo de Telmo e entusiasta do espaço, voltado para as conquistas do surf – o que demonstra que muitos visitantes guardam uma memória afetiva do museu.

Lado a lado, encontramos o surfista mais jovem, Gabriel Paiva, vencedor do campeonato de 2019, que foi apelidado de “GabiSurf”, pois comemorava suas vitórias de modo semelhante ao jogador do Flamengo, Gabriel Barbosa, popularmente conhecido da torcida rubro-negra como “GabiGol”.

Gabriel começou a surfar em janeiro de 2019, através do Projeto Somar, que funciona nas praias de Cabo Frio, desde o ano de 2017, com o fim de promover atividades de lazer, para pessoas com deficiências, incluindo banho assistido, surf adaptado e jogos ambientais. Ele na figura 6 exposta mostra ser um adolescente, branco, de cabelos claros e curtos. Veste uma camisa de botão, de manga curta, com estampa preta e branca. Segura uma placa de homenagem e está diante de um quadro, onde se vê uma fotografia sua, surfando, na Praia do Forte, com o forte de Cabo Frio ao fundo.

Figura 6: Imagem de Gabriel Paiva



Fonte: Fotografia de Marisa Paiva, mãe de Gabriel Paiva, disponibilizada à Maria Cristina Barbosa. Mendes, por aplicativo WhatsApp, por ocasião da homenagem recebida pelo atleta, no Museu do Surf.

De acordo com a mãe de Gabriel, Sra. Marisa Paiva, o atleta sempre gostou muito de esportes e desenvolveu rápido o equilíbrio na água. A vitória na competição, aliado ao fato de ter recebido duas notas máximas na avaliação, foi um estímulo a mais e a motivação para o desejo de prosseguir no surf.

Gabriel, que tem Síndrome de Down, aproveita tanto os benefícios para a saúde decorrentes da prática do esporte, quanto a convivência social promovida pela atividade, que vem gerando o reconhecimento do atleta no município,

Os registros relacionados a estes dois surfistas encontram-se nas paredes principais de acesso ao saguão, no térreo, de frente para a porta principal. O registro da matéria relacionada a Carlos data do período em que Telmo era responsável pela organização do material e consiste numa exposição emoldurada de reportagem de jornal. Já o registro de Gabriel conta com fotografia autografada do último campeonato de surf adaptado.

Em contraponto, ainda que o imóvel tenha sido projetado para ser um local acessível, observa-se a ausência de itens importantes como piso tátil, sinalizadores, equipamentos de áudio descrição, intérpretes de libras e bebedouro adaptado. Acrescenta-se, ainda que, na data da visita, o elevador estava inoperante.

Do mesmo modo, na ocasião destacada, não havia exibição de mostra audiovisual. Assim, não puderam ser avaliados recursos para esse tipo de

exibição. A visita é livre: não há guia nem material impresso de roteiro sugerido para verificação do acervo.

Dos comentários dos visitantes, a ausência de materiais impressos e de informações preliminares a orientar a visita também foram pontos desfavoráveis. Muitas pessoas comentavam que se sentiam perdidas no espaço e que não sabiam como percorrer o ambiente da mostra.

Não há mapa de estrutura da exposição, nem maquete do espaço, capazes de traduzir um referencial de localização, principalmente para deficientes visuais. Além disso, o imóvel é muito quente e a falta de refrigeração do local, combinada com a lotação do espaço, aceleraram a retirada de diversos visitantes do local – sobretudo aqueles que apresentam algum problema de saúde ou dependem de acompanhante.

Alguns pontos de alocação dos objetos expostos também mereceram análise uma vez que existem itens da exposição nas paredes da escada do museu – o que compromete o acesso ao material àqueles que utilizam o elevador para acessar o segundo piso.

A diversidade do público que frequenta o museu nos faz repensar sobre como atender a todos: sugerimos que as obras expostas na exposição sejam transcritas para o Braille, ganhem versão com audiodescrição e o acesso ao espaço tenha o piso podotátil para facilitar a transição do cego. Outra sugestão interessante que o Museu do Surf poderá utilizar é a transcrição para Libras, com pequenos vídeos sobre o conteúdo exposto e deixar a disposição dos surdos, em um tablet. Os vídeos devem ter legendas, preferencialmente em mais de um idioma. Assim, os conflitos e as tensões para atender esta diversidade estariam resolvidos e auxiliariam no processo de aquisição de novos conhecimentos, para as pessoas com deficiências.

Considerações finais

Esperamos poder contribuir para que este espaço de lazer e cultura da cidade de Cabo Frio, possa ser um lugar que amplie a divulgação do esporte adaptado, como instrumento de inclusão.

No surf, adicionalmente, existem mitos que vem sendo derrubados como a pouca participação feminina e negra no esporte, e, agora, a

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 512-531, 2021

participação dos atletas com deficiência. Nesse contexto, o Museu do Surf é uma ferramenta para o repensar da noção da diversidade como regra – e não como exceção. Daí a importância de se ampliar o acesso às experiências bem sucedidas no esporte, a partir do contato cultural com o museu.

O espaço físico acessível aproxima, estimula e atrai, não apenas a pessoa com deficiência, mas qualquer pessoa, que passa a ter a oportunidade de conhecer e desfrutar de mecanismos de inclusão.

Ademais, o museu viabiliza a participação coletiva, a vivência pessoal, o conhecimento histórico e a provocação entre presente e passado, trazendo novas perspectivas e agindo, de modo indelével, no sentir dos visitantes.

Em sendo assim, é interessante divulgar, também através do museu, como o desporto em geral e o surf adaptado, em específico, vem promovendo o lazer; o bem estar social; a saúde e o desenvolvimento da cognição e da parte motora das pessoas com deficiência.

Para isso, o acervo ganha conotação especial ao promover vínculos entre atletas, moradores e turistas de Cabo Frio, que podem reconhecer histórias únicas no ambiente do museu.

Não se propõe, portanto, uma reinvenção da roda. Da mesma forma, não se busca mitificar exemplos de pessoas com deficiência “que deram certo”. O que se consagra, através de exemplos, é a noção de que é possível e pode dar certo, levar informação, cultura e possibilidades através da experiência.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, p. 105, 2015.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. 2002, n.19, pp.20-28, ISSN 1413-2478. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 25 dez. 2019.

Blog do Carlos Mudinho, 2019. Página Inicial. Disponível em: <http://carlosmudinho.blogspot.com/>. Acesso em 25 dez. 2019.

Blog do Dragão. **Histórias do Surf, 2017**. Página Inicial. Disponível em: <http://surfdragonblog.blogspot.com/2017/11/mais-pranchas-historicas.html>. Acesso em 25 dez. 2019.

JUNIOR, E. D. S. S., BRAGA, A. N., BAHIA, S. R., DA SILVA PINTO, S. C. C., & BRAZ, R. M. M. (2019). **Museu do Amanhã: uma investigação tátil com o olhar às cegas de quem vê.** Revista Práxis, 11(21).

International Olympic Committee (2017). Welcome to the Wonderful World of Surfing. Disponível em: de <https://www.olympic.org/news/welcome-to-the-wonderful-world-ofsurfing>, acesso em 03/01/2019.

Página do Instituto Somar, 2019. Página Inicial. Disponível em: <https://www.somarturismoadaptado.com/>. Acesso em 28 dez. 2019.

PEDROSO, Mariana. **Na onda do surf adaptado.** Atibaia. 2011. Disponível em <https://issuu.com/maripedroso/docs/naondadosurfadaptado>. Acesso em 25 dez. 2019.

RAMÃO, Felipe de Souza. **Os limites do modelo de cidade turística de Cabo Frio, RJ:** quando a luz acende e apaga. Espaço e Economia [Online]. Disponível em <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/4449>. Acesso em 10 jan. 2020.

SANTOS, Eliane Costa dos. **Turismo e Hospitalidade em Tempos Líquidos:** reflexões sobre Ubatuba – “A Capital do Surf Acolhedora por Natureza” – e o Museu Histórico Washington de Oliveira. 2018. 129f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Turismo) - Programa de Pós-graduação em Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SASSAKI, R. K. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão.** Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, ano 5, n. 24, p. 6-9, jan./fev. 2002.

SIQUEIRA, D.; BRAGANÇA PERES, L. F.; ABILIO BOSQUETTI, M. **Praias Acessíveis e Surf Adaptado no Brasil:** inovação social baseado no Design Universal. (Spanish). Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación, [s. l.], v. 21, n. 83, p. 145, 2020. Disponível em: <http://aaron.swbts.edu/login?url=http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edb&AN=132931124>. Acesso em: 10 jan. 2020.

WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados.** Barueri: Manole, 2004.